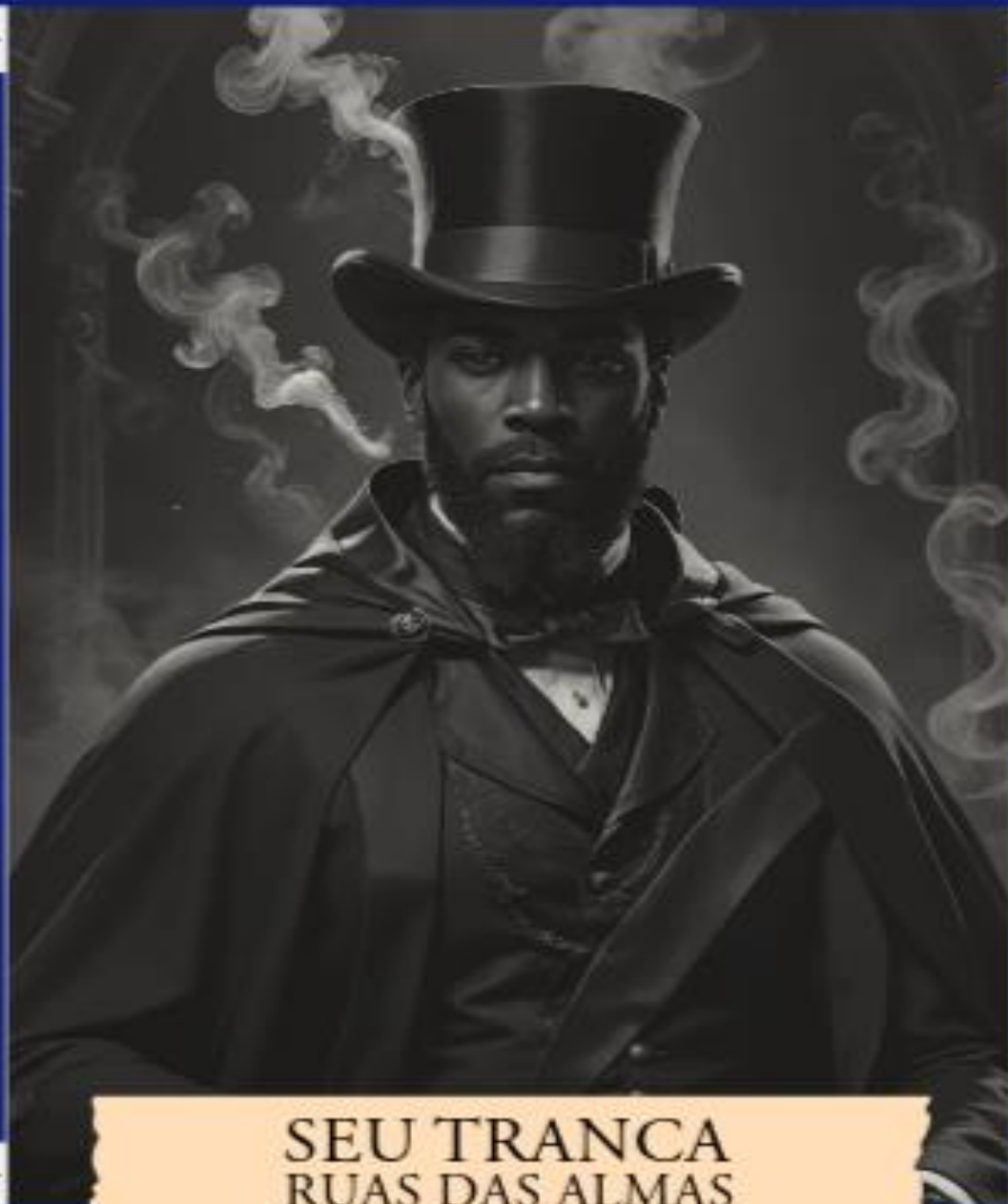


ENTREVISTA COM



**SEU TRANCA
RUAS DAS ALMAS**

**Douglas Henrique Antunes Lopes entrevista
Seu Tranca Ruas incorporado na Mãe Nicole de
Ogum**

Terreiro Luz de Aruanda - São José dos
Pinhais/PR

Seu Tranca Ruas fala sobre educação

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PPGE/UFPR
NESEF/UFPR**

DOUGLAS HENRIQUE ANTUNES LOPES

**ENTREVISTA COM O SEU TRANCA RUAS DAS ALMAS INCORPORADO NA
MÃE NICOLE DE OGUM DO TERREIRO LUZ DE ARUANDA EM SÃO JOSÉ DOS
PINHAIS NO DIA 25/11/2023 PARA A TESE INTITULADA PROVISORIAMENTE
DE “UMA ENCRUZA ENTRE EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNICA,
CINECLUBISMO E CINEMA NOVO”, DE DOUGLAS HENRIQUE ANTUNES
LOPES PARA O PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**CURITIBA
2024**

Laroyê Exu, Exu é mojubá!

Saudação a Exu

Deu um clarão na encruzilhada

E do clarão surgiu uma gargalhada

Não era o sol, não era a lua

O que brilhava era o mestre Tranca Rua

Trecho de ponto cantado ao Seu Tranca Ruas das Almas

AGRADECIMENTOS

As pesquisas sobre as tradições de matriz africana têm ganhado espaço no Brasil, de modo que agradecemos primeiramente a ancestralidade que nos deixou seus saberes enquanto legado para que possamos nos orientar.

Agradecemos, ainda, a Profa. Leilah Santiago Bufren, que abraçou esse projeto e se dedicou a todo o processo de orientação com afinco e sensibilidade.

Agradecemos, também, ao Prof. Geraldo Balduino Horn, que, por meio do NESEF/UFPR, do G-CINE e do Cineclube Jogo de Cena, abriu as portas para as pesquisas envolvendo Cinema Novo e decoloneidade, bem como seu apoio para a publicação dessa entrevista.

Agradecemos de modo especial a Mãe Nicole de Ogum, que, com afeto, abriu as portas do Terreiro Luz de Aruanda para que pudéssemos acessar as fontes dos saberes afrodiáspóricos.

Agradecemos, na mesma medida, ao próprio Seu Tranca Ruas das Almas, que se dispôs a vir nesse chão para compartilhar seus saberes seculares acerca das encruzilhadas e da educação.

APRESENTAÇÃO

Esta entrevista foi realizada para compor análise da tese previamente intitulada de “*Uma Encruza Entre Educação Superior a Distância, Cineclubismo e Cinema Novo*”, que buscou analisar as práticas realizadas pelo *Cineclube Luz, Filosofia e Ação* do Centro Universitário Internacional Uninter por meio de uma perspectiva *exusíaca*.

O propósito das nossas atividades cineclubistas é o de subsidiar as práticas dos estudantes de licenciatura que terão de enfrentar os conflitos característicos das realidades escolares no Brasil, dada sua diversidade. Neste sentido, procuramos pautar temas como do racismo, das desigualdades sociais, de gênero e assim por diante.

Considerando que as religiões de matriz africana sejam vivas e os nossos ancestrais estão presentes, capazes de interlocução, decidimos ir para além do referencial bibliográfico e interpelar uma das manifestações de Exu mais populares em religiões como a Umbanda, a Batucada, a Quimbanda, entre outras. Além de ser uma das entidades mais conhecidas, é uma das que mais recebem ataques de intolerância religiosa.

Para que essa entrevista se realizasse, a Mãe Nicole de Ogum, do terreiro de Umbanda Luz de Aruanda de São José dos Pinhais abriu as portas do seu chão para que pudéssemos interpelar com Seu Tranca Ruas das Almas sobre as encruzilhadas e a educação.

Gostaríamos de registrar a acolhida do próprio Seu Tranca Ruas, que incorporado na Mãe Nicole de Ogum, demonstra profunda simpatia, didatismo e engajamento nas lutas contra as desigualdades que podem ser enfrentadas por meio da Educação. Trata-se de uma das figuras mais empáticas e caridosas que eu já tive a oportunidade de encontrar.

Sem nos adiantarmos sobre as abordagens realizadas, esperamos que o leitor tenha uma excelente experiência.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Para registro, a Mãe Nicole de Ogum, dirigente do Terreiro de Umbanda Luz de Aruanda, localizado na cidade de São José de Pinhais se dispôs prontamente a receber nosso mestre, Seu Tranca Ruas das Almas para que pudéssemos conversar acerca das relações entre Exu, as encruzilhadas e o papel da educação na noite de 25/11/2023 às 19h00. Dito isso, peço autorização para usar os registros aqui coletados para análise na composição da tese de doutorado intitulada provisoriamente de “Uma Encruza Entre Educação Superior a Distância, Cineclubismo e Cinema Novo”, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR) realizada por mim e orientada pela Professora Dra. Leilah Santiago Bufren.

Laroyê, Exu! Boa noite, Seu Tranca Ruas das Almas, como está?

Seu Tranca Ruas das Almas: Boa noite, meu filho, eu estou bem e estou vendo que você também está. Está autorizado o uso dessa conversa para o seu escrevedor.

Fico feliz que esteja a completar aquilo que lhe foi prometido, aquilo que lhe foi colocado na missão. E que a partir dessas encruzilhadas, muitas outras se nascem. E é muito se beneficiar daqueles que forjaram cada uma delas.

Porque as encruzilhadas que você vê hoje, onde você circula, tiveram a energia de alguém que foi lá e estabeleceu que eles seriam encruzilhados. Teve a sua energia colocada sobre aquilo, e hoje, possibilita trânsito. Porque são feitos os caminhos para que haja trânsito, haja energia de movimento.

E a encruzilhada é como esses movimentos se inter cruzam. E a partir desses movimentos, que levam a direções, abrem possibilidades e intensificam-se bem. De maneira global, digamos.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Sim. O senhor estava falando, antes de entrar nessa dimensão, sobre a questão da potencialidade de Omolu. Estava falando para sobre a força dirigida de Exu.

Por que Exu se manifesta na área externa? Por que Exu fica para fora? Não é porque não é bem recebido dentro da sua casa. E nem porque não pode habitar em um lugar fechado. É porque a força de Exu é regida pela força telúrica, que é a terra.

É o inimigo da terra. E dentro dessa energia, essa egrégora, é onde vem a potência energética. Onde nós tiramos a nossa forma de trabalhar, a nossa egrégora, a nossa potência.

É onde tudo nasce e tudo se compõe. No planeta Terra, que nós estamos alcançados hoje, por enquanto, a terra tem como premissa, Exu é o inimigo. Todo lugar que você estiver, por mais que você esteja sobre a água, você está sobre um elemento telúrico, sobre camadas e camadas dentro da terra.

Então a terra vai para o núcleo e vai externa também. Então quem rege a força telúrica é Nanã e o Obaluaê, certo? Sua pura essência. Tá, mas por que todo Exu fala que a força também vem de Omolu? Porque o Obaluaê rege os inícios.

Os inícios falam, o Senhor dos portais. É o Senhor que abre as possibilidades. Quando o ser vai reencarnar, o Omolu, o Obaluaê faz esse preparo para que o ser venha.

E Omolu, ele rege o fim. Mas por que Exu é regido também por Omolu? Porque dentro da característica primária dele, ele tem todo ser vibra. Polo positivo, ultimamente tiro e negativo, certo? Então dentro dessa essência, o polo positivo do Omolu vive em qual fator, em qual elemento? Desculpe, o elemento aquático, água.

Então dentro do elemento magnético positivo dele é na água. Tanto que polariza, com lemanjá. Agora no elemento magnético dele, o negativo é terra.

Então são energias que se compõem. Você entende que do lado magnético negativo do Omolu, ele está presente na terra, assim como o Nanã e o Obaluaê. E aí filho, nós estamos entrando numa conversa muito ramificada por relação à essência de cada um desses vibrações.

Que normalmente não se estuda, não se vai a fundo. Se baseia, notei muito pelos estudos, pelas lendas que fizeram com que a humanidade entendesse um pouco o que é Orixá, qual é a vibração de Orixá. Mas de forma resumida, o resumido ainda é

necessário ampliar muito a mente, abrir, para que entre um conhecimento que no dia de hoje não tem fácil acesso.

Douglas Henrique Antunes Lopes: É, me parece muito que no Ocidente a forma de pensar do homem branco, europeu, ela vai muito no sentido da especialização. Então você entende, talvez entenda um elemento, o fenômeno, mas não entenda como ele está ramificado. Me parece que essa dimensão da encruzilhada é importante também nesse sentido, de entender como essas relações são complexas.

Seu Tranca Ruas das Almas: Sim, e vão além do ocidente, oriente, seja lá o que for, o ponto que se permanece, obviamente as culturas são diferentes. Louvamos aqueles que dão a abertura para o caminho, abrem o caminho para serem trilhados. Quem trouxe Orixá, África Preta, trouxe Orixá.

E aí vem as encruzilhadas, as interseções, isso tudo, e já falamos sobre isso, o quanto é importante essa visão tua sobre isso. E nesse intercruzamento vem alguém que está por aqui, outro por aqui, e quando eles se comunicam, opa, tem todo esse universo que eu não sabia que existia, eu quero entender ele. É assim dos dois lados, isso o ser inteligente faz, filho.

Seja qual for a classe, onde mora, se mora na terra ou mora em outro orbe. E tudo que se cria, se tende ao quê? E faz sentido você chegar e falar que para ter fogo você precisa bater duas pedras até sair uma faísca e ter uma chama em cima de um panela seca e aí fazer coisas. Hoje vocês têm fogo a partir até da energia elétrica.

Como é, põe esse negócio na parede aí que vocês tem. Aquece ferro, ferro encostado em tal coisa chega a fazer fogo. Então, nós precisamos bater pedra ainda para acender uma vela, acender um charuto que está aqui? Não, pegam um pau de fogo desse, batem na tachinha e está lá o fogo.

Então alguém abriu esses caminhos e alguém veio e aprimorou. A humanidade precisa ser assim. Um colaborando com o outro, isso é possível com essas ligações.

Então, se tem influência do branco, essa cientificação, nem existe essa palavra, sei lá. Essa parte científica das coisas, ir a fundo, entendeu por quê? Porque é como se fosse a razão e a emoção. Então, o preto trouxe o que? A emoção, o sentir.

O sentir sem enxergar, a entrega, a não questionar. Então é a passividade sobre algo que vem de cima. Algo poderoso, potente, incompreensível até hoje, há muitos milênios ainda.

E aí vem a força científica com a razão. A razão para tentar entender, desmembrar e cada vez mais ampliar esse conteúdo dentro da mente. Se eu te trouxesse um assunto hoje que você nunca ouviu falar, e você simplesmente assumisse esse conteúdo como se fosse a sua essência, se entrega para isso, só sentir.

Mas todo aquele que tem a pulga atrás da orelha, faz o quê? Vai atrás, vai tentar entender, vai se aprofundar. E quanto mais profundo você vai, mais se abrem as ramificações. E aí chega no limite da consciência que vocês encontram.

O nosso, né filho? Que nós estamos, cada um mais para cá, o outro mais para cá, mas todos estamos adensados na mesma egrégora material do planeta Terra. Mas a força de Exu, filho, vibra em todo o cosmos. A força de Xangô, a força de todos os orixás, é no cosmos.

Mas eu vou falar no macro, na essência primária que é o Criador. Dentro dessa essência primária tem as ramificações, e cada orbe tem a sua intensidade de cada um deles. Fui muito para lá, filho?

Douglas Henrique Antunes Lopes: Não, imagina. Mas a ideia é que o senhor fale mesmo, nós ficamos felizes de poder ouvir e poder registrar, também. Para que a gente possa avançar e desenvolver a partir dessas perspectivas.

Seu Tranca Ruas das Almas: Primeira vez que eu passo por isso. Não só para o meu cavalo, mas em toda a história que eu tenho com Exu. Primeira vez que tem um gravador ali.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Mas eu fico muito honrado, muito orgulhoso.

Seu Tranca Ruas das Almas: Nós vamos fazer isso muito mais, filho.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Que assim seja, meu pai.

Seu Tranca Ruas das Almas: É, sobre vários assuntos.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Sobre essa dimensão da encruzilhada, o senhor propõe um ponto interessante, talvez pudesse desenvolver mais, que é o sentido de ter uma ação anterior, e essa ação anterior vai reverberar ao longo do tempo.

Assim, por exemplo, quando se fala do fogo, e pensa em alguém que não tinha essa habilidade antes e passa a ter, e isso fica como herança dos outros. Sim. Então essa é a relação da encruzilhada com a temporalidade, como que essas coisas se conectam.

O importante é você olhar para trás. Isso, a primeira vez que você me falou sobre isso, nós já conectamos, porque o caminho que você está trazendo hoje, filho, é uma hora para a ancestralidade que compõe. E quando eu falei sobre essa hora da ancestralidade, é justamente isso.

Valorizar aquele que fez o esforço lá atrás. Como o exemplo agora do fogo, pode ser que nem tenha sido com forma consciente, não é mesmo? Ah, fez barulho, fez barulho, até que fez uma chama. E aí, até que aquilo foi se aprimorando dentro da mente, até que se estabeleceu que um elemento tal mais o tal, tem um outro que aquece, que ruína, que dá visão, e aí, enfim, se percorre esse caminho.

Então só existe uma encruzilhada, que as encruzilhadas, você chama encruzilhadas, mas são as conexões, as interlocuções, enfim, tudo que se conecta para criar algo diferente.

Douglas Henrique Antunes Lopes: E aí existe um princípio de responsabilidade muito interessante, porque, ou seja, as minhas ações hoje, elas podem reverberar em não sei quanto tempo, de quantas formas.

Seu Tranca Ruas das Almas: Sim, o teu trabalho hoje fará isso. Você está abrindo uma encruzilhada sobre um processo que já tem uma trajetória, que você está se

baseando. Você tem estrutura para procurar atrás e se basear e dar força. Então essa encruzilhada que você está criando vai garantir o acesso.

Ou antigamente fazia o quê? Abria a mata quebrando galho, aí foi facão, e aí você foi fazendo estrada, enfim. Hoje você escolhe o quanto é a largura de cada uma das vias. E no primórdio dela era o quê? Foi aberto no facão, sim.

Alguém abriu, e aquilo se permaneceu, e com base naquela abertura de caminho que é o que você está fazendo, filho. Você chegou até um ponto, mas dali para lá está fechada a mata. E você pegou teu facão bem, muito bem afiado, [inaudível], e aí abriu, está abrindo.

E quem vem por trás de você ali, te acompanhando, já vem desfrutando de um vislumbre totalmente diferente. Porque quando você, filho, está à frente de algo, você está enxergando o quê? Mata fechada. Você está preocupado em o quê? Em abrir.

Então foi-se para lá, foi-se para cá, e vamos abrir, vamos abrir. E aparece uma cobra e aparece... Enfim, a bicharada toda. Então você está preocupado com aquilo.

Agora, quem vem e a mata já está aberta, está pisando naquilo, mas... Olha, anjo de tal, olha lá que bonito passarinho. Quem está à frente, filho, é o... Galho na cara. Não é? Você não consegue parar o que você está fazendo e aproveitar a vista daquilo.

Porque você precisa abrir. E é isso que falaram vocês também. Ora, essa sanidade é lembrar de quem levou mato na cara e galho e não conseguiu aproveitar.

Mas quem vem por trás e consegue ter um caminho lindo para se ligar, tem obrigação de vislumbrar aquilo que compõe a sua trajetória. Isso é um presente. E aí, olha para o lado, o homem passa cantando, olha que bonito, ali tem uma queda d'água.

Vai lá, se desfruta daquele banho. Então, as encruzilhadas, todas que você está criando agora, vai possibilitar que isso tudo se torne muito mais profundo com o passar do tempo. Feliz aquele que criou a encruzilhada, que criou o caminho e tem ele perpetuado.

Deus que vem e cria o interesse em se aprofundar. Porque quantos assuntos, filho, quantos caminhos que foram abertos e foram abandonados. E aí, o que acontece? O mato toma de novo.

Porque se não tiver fluxo, a natureza toma. Então, todo conhecimento que se perde precisa ser trilhado de novo, aberto, ampliado, possibilitado. E tem pessoas que têm predisposição a isso.

Já falei, por isso que teus ombros são largos. Tuas mãos são fortes, teus pés são fortes. Para que? Para abrir, trilhar, possibilitar aqueles que muitas vezes nem podem andar, a percorrer por um caminho.

E já como é bonito isso também, que não é sem plano. Então, se existe encruzilhada, é porque existe o percurso, existe o caminho, os caminhos que se unem. E dali, se ramificam e possibilitam diversos destinos enormes.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Nesse sentido, eu tenho uma pergunta que vem bastante à tona em relação a, por exemplo, por pensamento racional, é possível entender essa cadeia de relações materiais ao longo da história. Mas, a partir das religiões afro-brasileiras, dessa perspectiva de não haver aquele que já passou o ancestral como ali que não existe mais. Como o ocidente tem muitas vezes. De achar que aquela existência, a não ser pela história. Ela existiu, deixou de existir. E como funciona essa dimensão para as religiões afro-brasileiras? Como esses ancestrais permanecem conosco?

Seu Tranca Ruas das Almas: Filho, a maior parte dos ancestrais que percorrem esse trajeto continuam vibrando na egrégora do planeta. Se assim lhe cabe, é óbvio que muitos deles ainda permanecem presos nessa roda de Samsara, em um processo de encarnação assim. Vibrar.

Mas, todo aquele que já tinha um nível energético elevado, permanece vibrando nessa egrégora. E mesmo sem que enxergue a potência e força que se torna, continua agindo como algo que iluminou. Então, continua sendo um sol.

E a egrégora do planeta é feita de diversos sóis que poderiam aceder, poderiam ir para outro nível, outro orbe, mas permanecem por amor ao planeta. E querer que isso se torne intenso. Por isso também falei para você que a visão sobre o orixá é cósmica, ela é macro.

Mas, no micro, que é dentro do planeta, também tem suas composições e suas hierarquias. Então, tudo isso que compõe e magnetiza, também tem essas intensidades e níveis. Então, se o ser chega a um determinado nível, ele pode acender e ir para outro.

O amor que se cria por aquilo que fez parte tão intensa na sua história, é como abandonar a origem. Você não quer. Você quer que aquilo se torne algo bonito.

Porque o planeta que nós estamos é muito bonito. E é uma pena o que se faz. Por isso, o que é muito atual na vida de vocês, que são racionais, é tentar buscar o respeito dos antepassados.

O que está intrínseco. E esse buscar aciona esse ser que vibra. E ele te ilumina nesse trajeto.

Então, todas as histórias que você está percorrendo, filho, ativa a força desse ser. Apesar de muitos, de forma ingrata, esquecerem, colhem hoje o fruto disso tudo.

É como você parar na frente de um pé de laranja e só pensar no fruto. Por que aquele pé de laranja está ali? Alguém pôs ele ali. Então, vamos agradecer esse que plantou.

Porque talvez nem esteja mais aqui. Mas eu só consigo desfrutar desse fruto assim. E falei isso.

Estou usando de forma material, filho, porque é uma analogia ainda mais fácil de a gente conversar. Mas isso tudo que estou falando é também a parte mental, da consciência de cada um. Por que nós estamos conversando, batendo papo aqui agora? Justamente para isso.

A tua caminhada veio até a minha caminhada e hoje nós estamos seguindo uma juntos, porque elas se cruzaram. E durante um percurso, nós estamos caminhando elas juntos, conversando. E aí, quando será aqui, você vai seguir para o teu lado e eu vou seguir para o meu lado. Eu preciso fazer coisa. Você precisa fazer coisa. E disso tudo, [inaudível].

Então, criou essa conexão. Ela se desenvolveu da forma que foi necessária, de forma intelectual. Porque isso mexe com o intelecto.

Tanto o teu quanto o meu. Que não é só você que está sendo, filho, o que estou falando. Você também está me levando a filosofar sobre isso.

Porque você acha que eu não estudei? Para a gente vir conversar. Fui aprofundar a minha visão sobre isso, filho, por causa de você. Você acha que vivo do lado da minha morada? Estou resolvendo mais a coisa grossa, filho.

Trabalhando no limbo, trabalhando no grosso, na escuridão, no sombrio. Não é toda hora que sinto na frente de alguém inteligente para conversar. Você entende isso? Então, filho, quando você vem conversar comigo sobre isso, desde a primeira vez que você se sentou aqui, você colocou mais semente dentro da minha cabeça.

E você cavou as encruzilhadas da minha mente. Você me fez buscar... Não em livro, porque eu não posso ir em livro, mas o que eles querem dizer é buscar em essência. Quem busca em livro é você.

Eu busco aquilo que eu sinto. O que eu consigo palpar dentro de mim. Então, quando eu começo a falar para você sobre toda a magnitude dessas encruzilhadas, dessas conexões, é porque eu entendi o quanto isso é importante.

E, filho, você pode enxergar essas conexões em tudo. Um filho que senta aqui para vir tomar um passe, um filho que senta aqui para vir uma consulta. Por quê? Ele quer conexão.

A carreira só, um caminho sozinho, está difícil. Ele precisa conectar. Ele precisa buscar algo em uma outra perspectiva, de alguém que trilhou outro caminho, de alguém que buscou outras essências, que viram outras coisas, que tem outra ancestralidade por trás.

Você tem a sua filosofia por trás, quem se uniu a quem para os ensinar. Então, a sua ancestralidade. Então, você tem uma forma de se sentir em vida.

E eu tenho outra. E outra, outra, outra, outra. Por que vocês vivem em sociedade? E o que eu digo para você, o quanto é importante você analisar isso e saber por que aquele... está de outras costas, filho? Quer pegar a cadeira?

Douglas Henrique Antunes Lopes: Não, fica tranquilo, pai.

Seu Tranca Ruas das Almas: Filho, pause, filho. Pega a cadeira...

Seu Tranca Ruas das Almas: Melhorou, filho? Esse é o melhor. Agora dá pra conversar, né? Que adianta conversar você nervoso de dor nas costas.

Então, filho, cada história, cada trajetória, e vocês vivem em sociedade justamente por causa disso. Por essa necessidade da troca.

Do poder aprender com o outro. Você precisa viver o que o outro viveu. E aí, eu perguntei uma pergunta longe do que você tinha pra perguntar, né, filho? Ter respondido a última coisa que você perguntou.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Ah, mas assim, é muito interessante entender a essa relação, né? O que se chama normalmente de vivo e não vivo, e perceber que essas manifestações, elas estão presentes, E nesse sentido, sobre a não necessidade de refazer os erros, cometer os erros do passado. E aí pensar no nosso histórico local no Brasil, de toda essa formação que é violenta, que foram praticadas com os escravizados e os indígenas, mas que muitas vezes elas se repetem.

Parece que essas relações violentas, de preconceito, discriminação e violência, elas não foram superadas.

Seu Tranca Ruas das Almas: Não foram, filho. Isso tá intrínseco.

Parece que e se quiser fumar um cigarro, pode fumar, filho. Não importa. Tô fumando, você também tem direito.

Não tem? Sei que gosta.

O preconceito é intrínseco. A violência é intrínseca.

A sociedade de vocês, como você disse mais se baseando aqui, nas terras de cá, que vocês vivem, como é que você vai ensinar, filho, alguém a amar? Se a referência daquilo que se vive é só ódio e dor. Você pega uma criança que só apanha e outra que só é melada. O paparicada de tudo. O outro é só no soco. Só no grito, guerra dentro de casa. Pai e mãe brigando, pedir dinheiro, pedir pataco, vá, vá, vá.

Dane-se você. Essa criança vai crescer como, filho? Então, a tentativa de se distanciar disso tudo tem que vir de cada um dos seres.

Mas como é que o ser vai saber que ele precisa estar longe se ele não sabe o que é o oposto? Como é que ele vai saber que ele precisa de amor se ele não sabe o que é amor? É uma palavra banal. Estou te falando agora também. Isso é a minha rotina.

Conviver com os seres que não sabem o que é isso. Onde o ódio e a violência é só o que se tem. Me bateu, vou bater em você.

É só isso, filho. As trevas, vamos dizer assim, existem como somente isso. E aí, quando você pega um espírito que depois de muito processo, muito apanhar, porque não adianta achar que vai ser só vitória.

Pode pegar aquele banco lá, filho. Põe o teu microfone em cima aqui. Ali, põe em cima.

Tá melhor, né? Agora nós podemos seguir. Facilita as tuas costas também, né, filho?

Como é que o ser vai saber que ele precisa depois de apanhar tanto, filho? Chega uma hora que a luta faz o que? Esgota as forças. To de saco cheio de viver essa luta, essa guerra, toda vez, só apanhando, apanhando, apanhando, apanhando, apanhando. Será que é só isso? Aí, quando entra o será, que nós agimos, filho. Porque aí abre uma brecha de apresentar o novo. E quando a gente pode apresentar o novo, a gente faz o que? A gente cruza a essência daquele ser é a nossa. Olha aqui. Esse mundo.

Oh, mas eu não conheço esse mundo. Então, vem cá. Caminha um pouco no meu caminho pra você ver o que é isso aqui. Ah, então existe isso, isso, isso. Existe muito mais. Mas agora é carreira solo. Vamos pra esse lado? Vamos. Perfeito. Pronto. Caminhando. E aí, sai dessa zona umbralina e segue seus caminhos. E isso, tô falando da minha rotina.

É isso que você quer saber. O que eu vivo desse lado de cá. E o que você vive aí? Vocês vivem aí na carne? É o quê? É a mesma coisa.

A região que vocês habitam tem o quê? Dor e sofrimento. O que as crianças se acostumavam? Dor e sofrimento. Enquanto elas não se intercruzarem com alguma trajetória que venha e apresente alguma coisa diferente ou que alcança de apanhar, não se desperta.

E sem despertar, filho, não tem como agir. E é isso que nós devemos agradecer porque corre conforme o nosso grande criador trilhou. O livre-arbítrio e aquilo que não adianta eu pegar, filho, e enfiar um monte de palavras bonitas no ouvido daquele que não quer ouvir.

E não só não quer ouvir, porque muitas vezes pode sentar na minha frente e conversar e bater papo e entender tudo que eu tô falando. Entender não, ouvir tudo que eu tô falando. E não entendeu foi nada.

Por quê? Porque faz parte de uma dimensão que não consegue alcançar. Não que sou um lixo oculto. Você entendeu o quê que eu digo? Eu posso ficar horas falando de amor, ó como é sublime, ó como...

Isso, filho, que já muitas pessoas vão falar assim pra você. Ei, Exu tá falando de amor. Eu sou o Exu que fala de amor.

Porque eu já corri muito, filho. E se aprendi o que é amor foi graças a essa aquela ali, ali (aponta para a imagem da Mãe, a Vó Maria do Rosário). Que já falei pra você.

Foi minha mãe. Bati cabeça um monte. Apanhei filho da vida.

Mas isso de foi de carne, faz uns uns 600, 700 anos já. Desde a última encarnação da velha. E aí ela foi pra um lado, né? Porque já era um espírito de luz.

Eu sempre fui rebelde, filho. Revoltado. Porque eu era preto. Era escravo. Apanhava. E o que eu queria fazer com quem batia em mim, filho? Pegar e pôr no colo e amar? Não, com certeza não, filho.

E ver todos (isso me emociona). E ver todos que eu considerava irmãos sofrer. Todas que eu estimava. Chamava de irmã, sobrinha, sendo judiada.

Eu revoltei, filho. Revoltei. E fui castigado diversas vezes por ser revoltado.

E sempre tive a vontade de abrir caminho. Vamos fazer a revolução dessa porcaria! E quanto mais eu fazia isso, filho, mais eu apanhava. Morri no tronco, filho. Morri no tronco depois de ver minha mãe morrer. Ela morreu, filho. Ela demorou pra morrer no tronco. Não é nem isso que nós estamos pra conversar, né? Mas quis te contar de forma breve. Ela demorou pra morrer, filho. E não tinha um que podia chegar perto dela. Não tinha permissão de chegar.

Morreu de fome, de sede. Bom, você já pode até imaginar quantos dias passa a fazer com um ser tudo aquilo que a matéria necessita. Fora as chibatadas, a dor, o sangue e tudo.

Pense como quem, bem amável. E aí, filho, chegou a minha hora. Aí eu que fui sofrer porque fiquei esgotado.

Então, filho, se você fala pra mim naquela época amor, vem aqui, amor. Filho, eu dou um sopapo em você. Quero saber nada de amor.

Quero vinganças. Quero que sofra o que fez minha mãe sofrer, que fez minhas irmãs, fez tudo sofrer. E aí entramos nesse assunto que você perguntou.

Corre nas veias, filho, a sede de vingança porque a dor foi intensa. E quando se ouve falar ao contrário que escravidão não existiu? - Vem cá que eu te mostro se não existiu. Senta na minha frente e eu te faço uma viagem mental.

Só em uma das minhas encarnações. Se existiu ou não. Como é que, filho, você vai ouvir que não existiu a escravidão? Todos os seres que viveram essa dor, o que vai sentir? - Revoltar.

E aí pode ser que o ser vire branco porque as encarnações de vocês são misturadas. Uma hora nasce cá, outra lá. O ser é branco, mas tem o que? A essência de quem sofreu.

Aí intercruza com alguém que sofreu lá atrás e o que? Vingança. Aí vira ódio, ódio, ódio, ódio... Como é que vai superar, filho, toda essa dor? Toda... Toda essa desgraça. Que se passa? Como? - Vindo um padre lá, sei lá da onde... lá da Inglaterra.

Pronto. Vem lá da Inglaterra, um padre vem falar de amor, em meio de dor. Desculpe o termo, vá pra casa do caixa-prego! Não quero o seu amor.

Então, filho, como que vai exigir de uma sociedade, de um povo sofrido que tem amor dentro do meu peito? Não dá, mas... Estou aqui, não estou falando de amor para você?

Graças a velha, que depois de algum tempo conseguiu me resgatar, porque fiquei muito tempo num plano negativo, filho, com esse ódio. E aí, filho, também fiz a minha reforma. Também caminhei, também fui trabalhar a frente e dentro disso hoje busco ser um ser que é mais elevado. Tanto que, fui convidado a... A virar um caboclo.

Por isso, você vai ver, uso bastante erva, rosa branca, gosto de erva. Convidaram a acender para caboclo. Mas eu não aceitei, filho. Porque se eu fosse acender para caboclo, eu ia ficar longe da véia. E eu não quero. Então, aqui permaneço.

Vou ser sempre um... Escudeiro. Ela vai ser sempre o meu sol. E dentro da escuridão do meu ser, porque jamais vou chegar aos pés dela, serei sempre um grande servidor.

E por isso que hoje consigo falar para você sobre amor. Porque eu senti o amor. Mas só consegui sentir o amor, eu falei para vocês que... Há alguns séculos.

Vibrando, sentindo dor. E uma hora, eu cansei. E quando eu cansei, ela conseguiu me acessar.

E dentro desse acesso, ela falou, filho, o que você está fazendo aí? E aí, foi como se tivesse uma catapulta, me arrancando da dor e do sofrimento. Respirei e entrou ar nos pulmão, filho. Que fiquei séculos vivendo a mesma morte.

O mesmo ódio. Então, filho. Depois disso, o que eu quero dizer para você etudo o que nós conversamos sobre isso. - Tem que ter paciência. Não adianta. Sabe como se combate a toda essa dor? - Devagar. Respeitando a dor. Porque não posso chegar para você e falar, você é sofrido? Dane-se o seu sofrimento, vem cá, vamos falar de amor - não.

Você está sofrendo? Escuta o sofrimento. Respeita o sofrimento. E aí, a hora que chega a hora, conduz.

E a humanidade e todos que vocês convivem aí. Tem um curto prazo de tempo. Porque já foi respeitado bastante.

A partir de agora, não vai ser tão fácil assim. Não quer caminhar? Adeus. O planeta precisa seguir. Porque não é justo, filho. Não é justo. Enquanto você está querendo abraçar o pobre, vem o rico e quer o oposto. E aí entra tudo aquilo que você falou sobre a sua trajetória. Todas as questões aí de luta, na tua essência, filho. Essência preta, filho. No teu corpo, nas tuas veias. E quando eu falo essa essência preta, essa essência da luta. Que não se acoxa, não baixa a crista.

Não tem nada a ver com o que você veio falar comigo, é filho? Fui até pra história da minha existência, filho. Veja o que você causou em mim.

Uau, filosofia. Mas eu fico muito, muito honrado, né?

Douglas Henrique Antunes Lopes: Vou fazer esforço de registrar isso da melhor forma possível. E refletir sobre isso da melhor forma possível, né? E me leva a mais novas perguntas.

Seu Tranca Ruas das Almas: É sim, é sim, é filho, eu tenho tempo.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Porque o propósito justamente da... Da pesquisa pelo objeto, pelo plano de fundo, é educacional. Na verdade é uma pesquisa que aborda essa questão da educação.

E aí, quando o senhor apresenta essa trajetória... Fica muito evidente que a educação tem o papel aí... E talvez... Curar feridas, tratar de feridas que estejam abertas ainda pela história. Né? Por essas trajetórias. E eu gostaria de te perguntar, nesse sentido... quais seriam os princípios para se desenvolver uma educação... Que seria comprometida com o tratamento das feridas? E sabendo levar em consideração, o senhor colocou muito bem isso, porque a gente não se reduz à educação formal, que é na sala de aula.

Mas... A trajetória pessoal dos indivíduos, né? Porque... Não é possível, também, que o professor chegue na sala de aula e fale para o... Para aquele que sofre... Praticar o amor, porque ele está naquele contexto, naquela condição de sofrimento. E aquilo, para aquele estudante, vai se tornar verborragia pura. Né? Então, nesse sentido... quais seriam os princípios do horizonte de uma educação que conseguissem tratar dessas feridas que estão abertas... E contribuir, portanto, para a diminuição desse

sofrimento, ser contra ele? Mas considerando, também, que a revolta é um processo importante, né? A revolta faz sair do lugar. Ela gera movimento.

Seu Tranca Ruas das Almas: E eu te digo mais, filho. Para mim, a educação, ela não tem um papel. Como você falou. Ela é a essência. As pessoas que perderam a essência e agora tentam retomá-la. Conseguiu entender o que eu disse? A educação, ela é o quê? A consciência.

Muitos olham, e a educação é o quê? Você sentar um dia na frente do livro e ir ler, ir em leitura. Pelo que você agrega assim. E o que eu considero como educação é a consciência do ser.

A partir do momento que você se torna consciente das coisas, você tem intrínseco em você o respeito pelo que é diverso. Você respeita aquilo que vem de confronto para questionar, mas também para auxílio. Então, qual é a melhor forma, filho, de você abranger a dor do outro? O primeiro de tudo é o respeito por essa dor.

Não adianta confrontar, são vários níveis. Cada um de vocês, a sua forma de viver, filho, é como a nossa também. Por isso que estou dando vários exemplos.

Porque quando você senta lá, senta não, filho, você fica de pé, em pé, na frente de vários. Cada um tem um universo particular e cada um tem uma intensidade e você tem que ministrar para todos. Mas vem do tato daquele ser consciente do que está fazendo.

E não só está fazendo por simplesmente repetição. Porque você tem vários colegas assim. Colegas que pegam e repetem. É só repetição, é só o que está escrito e acabou. E deixa o que é a essência, o coração de lado.

Ouçá só o que é a razão. E a existência, ela é feita do que? De equilíbrio dos dois. Não adianta você querer só ser razão porque você se torna um boçal.

Chega um aluno seu que está sofrendo, aí manda você para a caixa prego. Não quer saber do teu palavriado. Então você tem que ter o que? O equilíbrio disso.

Entre a razão e a emoção. E a emoção é o que? A consciência que você está falando. A consciência de você enxergar o todo.

E não só o micro, você precisa... Qual era o foco da nossa conversa hoje? Inclusive, e onde nós estamos chegando? Quais níveis de conversa nós estamos indo? Porque estou trazendo para você diversas formas de enxergar o mesmo assunto de forma que não te pareça boçal. Não estou tratando você como inferior, porque você não é inferior. Você hoje está na posição de aluno para mim, tá? Eu estou falando e você está questionando? Não é isso que acontece em classe? É termo antigo, é? É? E não é assim? E estou parecendo boçal para você - não? O que estou fazendo? Estou trazendo situações que fazem com que você vibre. Que o teu coração bata, filho. E para aqueles que não têm coração, mas que a dor já... Aí vem o seu tato de trazer essa emoção vibrante no peito. Porque só desperta e só tem consciência aquilo que sente, filho.

Porque no momento, a consciência é emocional. Ela não é racional. Pode ser mais abstrata, né? Não é. A consciência não vem de livro.

A consciência vem de vivência. Vem do sentido, vem de evoluir a partir daquilo que se vive, daquilo que se vê, mas daquilo que atravessa. Porque posso ver três, quatro sofrendo e não sentir nada.

Então, aquilo não me atinge - nada. Assim como posso ver nenhum sofrendo e só imaginar e já está puto. E aquilo já me vibra a ponto de me transformar a mente em várias formas de enxergar aquela mesma situação.

Então, se você me perguntar como é que você pode... Você ser endurecido é no sentido. É na consciência que vem daqui e não daqui (aponta na cabeça e no coração). Porque aqui (aponta para a cabeça), filho, é podre. Aqui (ainda apontando para a cabeça) é induzido, manipulado. Por alguém que manipulou a tua cabeça através dos escritos. Agora, aquele que sente, filho, ele não manipula.

Ele conduz a um raciocínio. A conclusão desse raciocínio é sua. Qual é a minha opinião? A minha opinião é essa.

Mas a reflexão dessa coisa é tua. E aí se caminha, e aí se movimenta. Mas é difícil você viver isso de emoção, sendo que o sistema ensina que você faz a razão.

É. Você faz a razão, você cobra a razão. E aí é a grande dificuldade e o grande desafio. Dificuldade não, é o grande desafio que compõe a tua trajetória.

E veja como você foi a fundo. Você tá aqui num dia que era pra ser de descanso, que chama como é?

Douglas Henrique Antunes Lopes: Final de semana, sábado.

Seu Tranca Ruas das Almas: É. E quando muito estão fazendo sei lá o quê, você tá sentado aqui na minha frente, conversando sobre, filosofando sobre a vida.

Você sente, filho, essa consciência. E é por isso que digo pra você o quanto é importante tudo o que você tá fazendo. Todo esse caminho que você tá abrindo.

Porque você tá sendo a consciência que a humanidade precisa e que atravessa séculos e séculos e se desperta aquele que muitas vezes não tem a visão do sentido e somente do raciocínio, que é a maior parte dos teus colegas. O raciocínio. O raciocínio, o pensamento.

Vai, é as encruzilhadas, vão se abrindo, vão se abrindo através daqui. Mas de nada adianta se você não se... Se você não sente, você não tem tato.

Se você não tem tato, não adianta nada. Porque você vai abrir um caminho que ninguém vai percorrer. E a mata vai fazer o quê? Tomar.

Porque não foi útil. Então, todo aquele que abre um percurso através da consciência aqui de dentro do peito, né? Porque batendo depois você vai saber porque eu tô batendo no peito. Todo aquele que traça com o sentimento consciente, não o sentimento fraco.

A consciência, vamos, é consciência, a palavra pra mim é consciência. Eu, Tranca Ruas, chamo assim. A consciência é o sentir, é o viver, é o transpor, transcender.

Mas de forma consciente, né? Então, você quer abrir um caminho que outros percorram, tem que ser consciente. E aí, filho, se abre uma via. E hoje se engatinha, mas amanhã tem borracha correndo pra tudo quanto é lado, né? É fluxo sem parar.

E no caso do teu caminho, vários, abrindo, falando, e cada um do seu modo. Vou dar o exemplo da borracha agora, que tava falando, mas cada um tem seu destino. Cada um mora em algum lugar, tem uma vivência, cada [inaudível] tem o quê? Um núcleo. Às vezes um sozinho, mas outros vários.

E lá tu dialogando sobre aquilo e vai se ramificando, filho. E a tua semente, assim, germinou e fez o que era, germinou e espalhou. Espalhou a ponto de começar a brotar em outros campos.

Aí, filho, você cumpriu tua missão. Aí nós vamos festejar o lado de lá com alegria, porque a partir do momento que brotar o primeiro filho, depois do que você fez, você vai se tornar um sol sobre isso. E não vai querer que isso morra.

Vai querer que isso se reverbere, perpetue, e você vai querer fazer mais e mais e mais e mais, para que tudo aquilo que você fez, fique sobre ele. E aí nós voltamos aos antepassados que você me perguntou. Onde eles estão, filho? Não largaram o osso.

Continuam vibrando aqueles que tem a essência total. Continua vibrando para que aquilo que eles colocaram funcione, porque a missão deles não acaba quando acaba a vida.

Se a missão ia dar para isso, ele vai fazer até que dê certo. E depois que dê certo, ele vai querer aproveitar um pouco. E aí vai para outro caminho.

Você veja a profundidade disso, dessa conversa, como ela ramifica, e nós podemos usar diversos e diversos, diversos exemplos sobre a mesma coisa, sobre visões

diferentes, perspectiva diferente, vivência diferente. Vai para o mesmo lugar, no mesmo lugar.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Em termos da nossa conversa para pesquisa hoje tem bastante coisa para ser registrada já, para consolidar o trabalho, mas eu queria saber se tem alguma coisa nesse âmbito que o senhor gostaria de falar, que eu não me perguntei, ou que o senhor gostaria de ressaltar.

Seu Tranca Ruas das Almas: Filho, eu entendo o teu anseio sobre isso e querer se aprofundar cada vez mais. Mas veja a complexidade da onde nós fomos, da nossa conversa. Para quem não estava aqui agora, pode ser que não sinta o que você está sentindo, mas você entendeu toda a essência do que eu quis te trazer.

Então, dentro dessa complexidade, filho, você tem caminho suficiente para percorrer esse assunto dentro disso aí. Agora, terminou isso aqui, quer conversar mais, eu vou estar aqui, filho, para conversar, para a gente fazer isso acontecer e se perpetuar. Porque sei que não vai largar o osso, só para aprovação que não, né?

Vai querer continuar, vai querer achar uma forma de traduzir isso e trazer, e fazer diferença, filho. Já está fazendo, já está despertando. E bobo da corte, filho, tem em todo lugar.

Nem precisa nem sair nem do portão. Há muitos que estão dando risada, achando que isso é palhaçada.

E para todos eles, nós temos o quê, filho? Temos nada, nem tempo. É para dar a sola, vamos para a frente. Então, agradeço muito, né? Preciso agradecer, filho, você é meu querido do peito.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Espero que consiga refletir, transcrever isso da melhor forma possível. Vou encerrar aqui, está a gravação, para a gente continuar.

Seu Tranca Ruas das Almas: Eu te agradeço, filho. Fica registrado aqui, se você precisar usar qualquer trecho disso, está autorizado.

Douglas Henrique Antunes Lopes: Muito obrigado, pai.

Em nome de Tranca Ruas das Almas está autorizado, se você precisar, tá bom?

Douglas Henrique Antunes Lopes: Muito obrigado.

Seu Tranca Ruas das Almas: Agradeço a oportunidade também, filho.

Você abriu minha mente para muita coisa. Olha como é importante. Saravá as encruzilhadas!